

Não Pise no Que É Sagrado

No fundo, ninguém aqui quer ouvir sobre a ira de Deus. Queremos um Deus gentil. Um Deus que abraça, que consola, que nunca levanta a voz. E há muita verdade nisso — Deus é mesmo assim. Mas será que é só assim?

Vivemos protegidos como quase ninguém, em toda a história humana, já viveu. Enquanto boa parte do mundo ainda enterra os mortos sem anestesia, sem remédio, sem alívio para a dor, nós reclamamos quando a internet trava por alguns instantes. Ficamos incomodados com a notícia mais dura do jornal e mudamos de canal. E aos poucos, sem perceber, isso vai formando a nossa ideia de Deus. Um Deus que só tem recompensa. Que só promete, nunca adverte. Que é só abrigo, nunca fogo consumidor.

O problema é que essa imagem, mesmo sendo tão confortável, não pinta o Deus da Bíblia. E convenhamos: um pai que só sorri, que nunca alerta o filho do perigo real, não é mais amoroso — é mais covarde. O amor de verdade avisa. A honestidade de verdade avisa. E é exatamente isso que o autor da carta aos Hebreus faz.

Esta carta é, ao mesmo tempo, um dos textos mais cheios de graça de todo o Novo Testamento — e um dos mais implacáveis em advertência. Ela promete descanso e alerta contra o endurecimento

do coração. Ela celebra o sacrifício perfeito de Cristo e, na mesma página, avisa sobre o perigo de desprezá-lo.

O texto de hoje é um desses avisos. E ele não pede licença para ser sério. Vamos ler:

Hebreus 10.26-31 (NAA)

²⁶Porque, se continuarmos a pecar de propósito, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados. ²⁷Pelo contrário, resta apenas uma terrível expectativa de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. ²⁸Quem tiver rejeitado a lei de Moisés morre sem misericórdia, pelo depoimento de duas ou três testemunhas. ²⁹Imaginem quanto mais severo deve ser o castigo daquele que pisou o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado e insultou o Espírito da graça! ³⁰Pois conhecemos aquele que disse [Dt 32.35]: “A mim pertence a vingança; eu retribuirei”. E outra vez [Dt 32.36]: “O Senhor julgará o seu povo”. ³¹Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.

Um Alerta Após um Convite

Espero que você ainda tenha na memória o que ouvimos nas duas últimas semanas em que estivemos aqui em Hebreus 10: o convite para nos aproximarmos de Deus (vv. 19-22), para nos firmarmos na esperança, para cuidarmos uns dos outros (vv. 23-25). Um convite caloroso, cheio de “vamos juntos” — vamos nos aproximar de Deus pela fé, vamos reter a esperança sem vacilar e vamos considerar uns aos outros em amor.

E é exatamente aqui, logo depois do convite, que vem o aviso.

Não é coincidência.

O autor de Hebreus já havia feito esse mesmo movimento antes, no capítulo 6: descreveu as bênçãos de quem provou a graça de Deus (6.4-5) e, na sequência imediata, advertiu sobre o perigo terrível de se apostatar dessa graça (6.6-8). Agora ele repete o padrão. Só que com um peso ainda maior — porque tudo o que ele já explicou sobre

Cristo, sobre o seu sacrifício único, sobre o véu rasgado com a sua própria carne, já foi dito. O ouvinte já sabe o que está em jogo. Por isso a advertência de hoje pesa mais do que a do capítulo 6.

Vale notar uma coisa, antes de entrarmos no texto: ao longo de toda a carta, mesmo advertindo com essa severidade, o autor continua chamando essa igreja de “irmãos”, “santos irmãos”, “amados irmãos”. É o que ele faz em 3.1, em 3.12, em 6.9. E é o que ele já fez bem aqui, na abertura desta mesma seção, no versículo 19.

Quem já professou fé em Cristo não é tratado com aspereza aqui, mesmo com o aviso tão duro. Isso deve moldar como ouvimos o que vem agora — não como uma ameaça fria, mas como o alerta de quem ama de verdade.

Então, o que o texto de hoje nos diz? Ele nos diz isto: existe algo tão sagrado, comprado a um preço tão alto, que dar as costas a isso — pisar nisso — não é um deslize qualquer. É a coisa mais grave que um ser humano pode fazer.

Essa é a proposição de hoje: não pise no que é sagrado, porque não existe nada mais perigoso do que desprezar o único sacrifício que resta para os seus pecados.

E o texto vai nos mostrar isso em três passos. Primeiro, o que exatamente estamos pisando quando viramos as costas — versículos 26 e 27. Depois, por que isso é tão mais grave do que parece — versículos 28 e 29. E, por fim, nas mãos de quem estamos, de fato, entregues — versículos 30 e 31.

O Que Você Está Pisando Quando Vira as Costas

Leia o versículo 26:

“Se continuarmos a pecar de propósito, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados.”

Repare bem nessa frase: “pecar de propósito”. Isso já assustou muita gente sem necessidade. Alguém escuta isso e pensa, por exemplo: “Então pequei de propósito ontem — perdi a paciência sabendo que estava errado — estou perdido?” Veja, não é disso que o texto está falando. Vou te explicar.

No Antigo Testamento havia duas categorias de pecado. Um pano de fundo que ajuda a entender, mesmo não estando escrito aqui no nosso texto: em **Números 15.22-29**, a Lei distinguia o pecado involuntário — para o qual havia sacrifício previsto — do pecado cometido “deliberadamente”, descrito logo em seguida, nos **versículos 30 e 31**. É esse segundo tipo que o texto tem em vista aqui.

Só que — e aqui está o detalhe chocante — o autor de Hebreus não está falando de quebrar um mandamento qualquer. Ele está falando de abandonar a confiança no Filho de Deus, de virar as costas para o único sacrifício que resta, buscando segurança em outro lugar.

E é aqui, exatamente aqui, que muita gente sincera se apavora, perguntando: “será que eu já cometi o pecado imperdoável?”

Preste atenção nesta resposta, porque ela importa. O pecado imperdoável não é um tipo específico de pecado. É a extensão e a obstinação de pecar contra uma grande graça, até o coração ficar como o de Esaú: incapaz de se arrepender.

Se você já pecou e ainda sente o peso disso, se ainda deseja voltar para Deus, se o seu coração ainda dói — isso não é sinal de coração endurecido. É sinal de coração vivo. “Pecar de propósito” aqui em Hebreus 10.26 não descreve um ato isolado, mas uma direção de

vida: continuar, persistir, sem nenhuma intenção de voltar, até o coração ficar tão duro que já não sente mais nada.

Foi o que aconteceu com Esaú: vendeu sua herança por um prato de comida e, depois, mesmo chorando amargamente (por ter perdido a bênção), não encontrou mais lugar para arrependimento (Hb 12.16-17). Portanto, o perigo não está numa lista de pecados proibidos. O perigo está na obstinação — em continuar, dia após dia, até que já não reste vontade de voltar.

Repare também na palavra “recebido”, em Hebreus 10.26:

“Se continuarmos a pecar de propósito, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, ...”

Quanto mais luz alguém recebeu, quanto mais claro o evangelho já foi pregado a essa pessoa, maior é a responsabilidade. E maior a gravidade de dar as costas.

Por isso, prossegue o versículo, dizendo: “**já não resta sacrifício pelos pecados.**” Não porque o sacrifício de Cristo seja fraco ou insuficiente — pelo contrário, ele é perfeito, único, definitivo, como este mesmo capítulo já mostrou. Mas porque, se alguém abandona esse sacrifício, já não há outro. Não existe plano B. Quem já provou o evangelho e o rejeita não pode voltar para os sacrifícios antigos — esses nunca tiraram pecado algum. E não sobra mais nada.

Vá ao **versículo 27**. Veja: resta apenas “uma terrível expectativa de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.”

Três imagens, uma dentro da outra: jurídica, emocional e física. Grife aí cada palavra. “**Juízo**” é a *imagem jurídica*: a palavra do tribunal, um veredito legal e justo. “**Fogo vingador**” é a *imagem emocional*: no grego, literalmente um “zelo de fogo” — Deus não fica só

um pouco irritado, ele arde com uma paixão de justiça. E **“consumir”** é a imagem física.

Atenção aqui: “consumir” não significa apagar, fazer desaparecer, extinguir, aniquilar até não haver mais nada. Significa ser trago, envolvido, para sempre, num sofrimento que a justiça exige e a santidade de Deus não vai deixar de satisfazer.

E veja a palavra que descreve quem sofre isso, no versículo 27: **“os adversários”**. Não estranhos, não pagãos distantes. Pessoas que, ao endurecerem o coração contra o Filho, se tornaram inimigas do próprio Deus que um dia buscaram.

Isso é o que se pisa quando se vira as costas: o único sacrifício, o conhecimento que já se teve, a paciência de um Deus que, mesmo agora, ainda chama de “irmãos” quem ainda pode ouvir esse aviso e voltar atrás, voltar para Cristo e a comunhão da igreja.

Mas o texto ainda não terminou de mostrar o tamanho disso. Porque há uma pergunta que falta responder: se pisar nisso já é tão grave, **por que é ainda mais grave do que parece?** É para essa pergunta que o autor de Hebreus vai agora — comparando o que já era sério debaixo da Lei de Moisés com o que está em jogo aqui, na nova aliança no sangue de Jesus.

Quanto Mais Sagrado, Mais Grave Pisar

Leia **versículo 28**: “Quem tiver rejeitado a lei de Moisés morre sem misericórdia, pelo depoimento de duas ou três testemunhas.”

Pare aqui um instante. Debaixo da antiga aliança, rejeitar publicamente a Lei — praticar idolatria escancarada, por exemplo — já custava a vida. Não havia meio-termo. Não havia segunda chance. Conforme **Deuteronômio 17.6**, bastavam duas ou três testemunhas confirmando o fato, e a sentença era executada sem misericórdia. Isso

não era crueldade. Era a Lei protegendo algo sagrado: a aliança entre Deus e seu povo.

Agora vá a **Hebreus 10.29**, e prepare-se, porque o autor está prestes a fazer o argumento mais pesado do texto todo:

“Imagem quanto mais severo deve ser o castigo daquele que pisou o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado e insultou o Espírito da graça!”

“**Imagem quanto mais.**” Esse é o argumento do menor para o maior: se rejeitar a lei dada por Moisés — um servo — já merecia morte sem misericórdia, quanto mais rejeitar o Filho. Não é um servo entregando tábuas de pedra. É o próprio Filho de Deus entregando o próprio corpo.

E repare como o versículo descreve essa **rejeição** — não com um verbo só, mas com três, cada um mais grave que o anterior.

Primeiro: “**pisou o Filho de Deus**”. Não tropeçou nele por acidente. Pisou, como quem pisa em algo que julga não valer nada. Simplesmente pisou. Passou por cima. Ouviu o evangelho e simplesmente pisou — passou por cima do Filho, o próprio fundamento da salvação.

Segundo: “**profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado**”. O verbo “profanar” significa tratar como comum, sem valor algum, o sangue mais precioso que já existiu — o mesmo sangue que, num momento, chegou a separar essa pessoa, externamente, para a comunidade da fé.

E terceiro: “**insultou o Espírito da graça**”. Quem já sentiu o Espírito de Deus atraindo, convencendo, atuando de perto, e ainda assim decidiu desprezá-lo.

Aqui vale abrir um parêntese, porque essa palavra — “santificado”, em: “profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado” (no versículo 29) — já confundiu muita gente, e merece cuidado.

Como pode alguém ser “santificado” pelo sangue da aliança e, mesmo assim, se perder?

Isso não está dizendo que essa pessoa era, no fundo, salva de verdade e depois perdeu a salvação. A própria carta aos Hebreus, mais atrás, neste mesmo capítulo, lá no **versículo 14**, fala de uma santificação diferente: aquela que aperfeiçoa para sempre quem é de Cristo. E o **capítulo 3, versículo 14**, confirma essa leitura: “Porque temos nos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até o fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos.”

Ou seja: quem não persevera até o fim não é alguém que perdeu o que tinha — é alguém que mostra, pela própria queda, que nunca tinha sido, de fato, participante de Cristo.

A santificação de Hebreus 10.29 é outra. É a separação visível, externa, de quem esteve debaixo da palavra pregada, da comunhão da igreja, das ordenanças — chegou a comer e beber os símbolos do corpo e do sangue de Cristo, sentiu de perto o Espírito da graça atraindo e convencendo — e, mesmo assim, nunca foi, de fato, transformado por dentro.

É algo parecido com o que aconteceu com Israel: separado, por fora, das nações, mesmo quando muitos dentro do próprio povo eram infiéis. Isto é assustador: é possível estar próximo de Deus, ser tocado por ele de fora, e ainda assim nunca ter pertencido a ele de coração.

E aqui cabe também um pano de fundo que ajuda a entender por que essa rejeição é tão grave: pisar no sacrifício de Cristo não é só um erro moral. É destruir, para si mesmo, a própria possibilidade de adorar. Quem rejeita o único sacrifício que basta não tem mais como

se aproximar de Deus em verdadeira adoração. A alternativa à adoração, aqui, é a apostasia.

Por isso o autor não está exagerando quando fala de “quanto mais severo deve ser o castigo daquele que pisou o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado e insultou o Espírito da graça!” (v. 29). Quanto mais sagrado é aquilo que se pisa, mais grave é pisar nisso. E não existe nada mais sagrado do que o Filho de Deus, o sangue da aliança e o Espírito da graça.

Mas ainda falta responder a última pergunta — talvez a mais importante de todas. Contra quem, exatamente, estamos falando? Quem é esse Deus que pune com tanta severidade?

Nas Mãos de Quem Você Não Quer Cair

Leia o versículo 30:

“Pois conhecemos aquele que disse: ‘A mim pertence a vingança; eu retribuirei.’ E outra vez: ‘O Senhor julgará o seu povo.’”

Repare que o autor não está inventando essas palavras. Ele as está citando — duas vezes seguidas, do mesmo lugar. As duas citações vêm do Cântico de Moisés, em Deuteronômio 32.35-36.

E vale abrir aqui um pano de fundo importante: aquele cântico conta a história inteira da relação de Deus com o seu povo. A fidelidade do SENHOR. A infidelidade de Israel. O juízo de Deus sobre o seu próprio povo infiel. E, por fim, a compaixão dele sobre os que restam e a vingança sobre os inimigos.

É com esse pano de fundo que devemos ouvir essas duas frases. **“A mim pertence a vingança”** não é apenas uma ameaça genérica contra pagãos distantes. No cântico original, essas palavras vêm bem

no meio da descrição do juízo de Deus sobre o *seu próprio povo*, quando ele se afasta dele. E a segunda citação confirma isso sem deixar dúvida: “**o Senhor julgará o seu povo.**” Não os de fora. O seu próprio povo.

Isso é sério e precisa ser dito com clareza: pertencer externamente à comunidade da aliança, estar dentro da igreja, ter crescido ouvindo o evangelho, não é, por si só, garantia de estar livre da ira de Deus. Nem foi para Israel debaixo da antiga aliança. Nem é para a igreja debaixo da nova.

Vá agora ao **versículo 31**, a última frase do nosso texto: “Horível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.”

Pare e sinta o peso dessa frase. Não é “cair nas mãos de um destino”. Não é “cair nas mãos do acaso”. É cair nas mãos de um Deus que está vivo — que existe, que vê, que sente, que reage.

A mesma expressão aparece lá na frente, em Hebreus 12.21, descrevendo Moisés diante da montanha, tremendo de medo diante da glória de Deus. Ora, se até Moisés tremeu — o servo fiel, que falava com Deus face a face — o que dizer de quem pisou o próprio Filho de Deus?

Agora volte ao início do nosso texto, porque o autor fecha exatamente como abriu. Lembra do **versículo 27** — “juízo”, “fogo vingador”, “consumir”? Agora, nos **versículos 30 e 31**, ele volta a essas mesmas ideias: vingança, juízo, e o terror de cair nas mãos de Deus. Essa é a moldura do texto inteiro. A advertência começa e termina no mesmo lugar: um Deus que não é indiferente ao pecado, que não vai fingir que não viu, que não vai deixar barato.

Se você acha que as palavras do autor de Hebreus são duras demais, espere até ouvir as palavras do próprio Jesus, falando da vingança de Deus contra o pecador, o seu adversário:

Lucas 12.4-5 (NAA)

Digo a vocês, meus amigos: não temam os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer. Eu, porém, vou mostrar a quem vocês devem temer: **temam aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo que a esse vocês devem temer.**

Esse é o Deus de quem estamos falando.

Não um juiz distante e frio, mas o Deus vivo — o mesmo que, através do autor de Hebreus, ainda chama essa igreja de “irmãos”, ainda espera, ainda avisa antes que seja tarde demais.

Ainda Dá Tempo de Não Pisar

Lá no começo eu disse que todos nós, no fundo, queremos só o lado recompensador de Deus. Queremos um Deus que abraça, que consola, e que nunca levanta a voz. E a boa notícia é que esse Deus existe — é o mesmo Deus deste texto. O problema nunca foi Deus ser bom demais. O problema é a gente querer editar Deus, deixar só a parte que nos agrada, e fingir que a outra parte não existe.

Mas ela existe. E hoje ouvimos isso com todas as letras: existe algo tão sagrado, comprado a um preço tão alto — o próprio sangue do Filho eterno de Deus — que pisar nisso é a coisa mais grave que um ser humano pode fazer.

Vimos o que se pisa: o único sacrifício que resta. Vimos por que é tão mais grave do que parece: quanto mais sagrado, mais grave é desprezar. E vimos nas mãos de quem, de fato, estamos: do Deus vivo, que julga até o seu próprio povo.

Se você nunca se entregou a Cristo, o aviso de hoje é para você. Mas não é só aviso — é convite. Enquanto você ouve esta mensagem, ainda resta sacrifício. Ainda existe um Salvador que morreu para que você nunca precisasse cair nas mãos deste Deus como adver-

sário, mas como filho. A porta ainda está aberta. Mas ela não fica aberta para sempre — foi exatamente isso que o texto de hoje veio dizer. Não espere. Venha a Cristo hoje.

E se você já é cristão, mas sabe que tem se afastado — da Palavra, da oração, da comunhão da igreja, do próprio Cristo — ouça isto com carinho, não com desespero. Se o seu coração ainda dói com essa distância, se você ainda deseja voltar, isso não é sinal de que você já pisou no que é sagrado. É sinal de que seu coração ainda está vivo. Volte agora. Volte para a Palavra. Volte para a oração. Volte para o corpo de Cristo, que é a igreja. Não deixe o tempo fazer o que só a obstinação faz: endurecer um coração que hoje ainda sente.

Porque o mesmo autor que escreveu essas palavras terríveis é quem, logo adiante, vai escrever encerrando o capítulo: “Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição, mas somos da fé, para a preservação da alma” (**Hb 10.39**). Ainda dá tempo de não pisar no que é sagrado. Ainda dá tempo de se aproximar dele.

Para orar em silêncio:

1. ***Peça a Deus que te dê um coração sensível***, que treme diante da Palavra, e não um coração endurecido pelo hábito ou pela familiaridade com as coisas sagradas.
2. ***Ore por quem, aqui ou fora daqui, ainda não conhece a Cristo*** — para que hoje seja o dia em que essa pessoa venha a ele, enquanto ainda resta sacrifício.
3. ***Ore por quem está se afastando da igreja, da Palavra, da comunhão*** — para que o Espírito da graça continue atraindo, e não seja insultado pelo silêncio ou pela indiferença.
4. ***E agradeça, porque, apesar de tudo o que ouvimos hoje, você ainda está aqui*** — ainda tem tempo, ainda tem um

sumo sacerdote que intercede por você, ainda é chamado de irmão.

S.D.G. L.B.Peixoto.